

(Transcrição)

“Ideal e Luz”, Ed. Braziliense, Cidade Nova, 2003

A Desolada

Maria, aos pés da cruz, naquele dilacerante *stabat* que a torna um mar amargo de angústia, é a expressão mais alta, em uma criatura humana, da heroicidade de toda virtude. Ela é a mansa por excelência, a dócil, a pobre, a tal ponto que perdeu o seu Filho Deus ; a justa que não se lamenta de ser despojada daquilo que lhe pertence por mera eleição; a pura no desapego afetivo a toda prova do seu Filho Deus... Em Maria Desolada encontra-se o triunfo das virtudes da fé e da esperança pela caridade que a acendeu durante toda a vida e a inflamou na participação tão viva na Redenção.

Maria, na sua desolação que a reveste de todas as virtudes, ensina-nos a cobrir-nos de humildade e paciência, de prudência e de perseverança, de simplicidade e de silêncio, para que na nossa própria noite, do humano que existe em nós, brilhe no mundo a luz de Deus que habita em nós. Maria das dores é a Santa por excelência, um monumento de santidade, que todos os homens que existem e existirão podem contemplar, para aprender a se revestir da mortificação ensinada há séculos pela Igreja e que os santos, com notas diversas, ecoaram em todos os tempos.

Pensamos demasiado pouco na “paixão” de Maria, nas espadas que traspassaram o seu Coração, no terrível abandono que sentiu no Gólgota, quando Jesus a confiou a outros...

Talvez tudo isso dependa do fato de Maria ter sabido bem demais cobrir de doçura, e de luz, e de silêncio a sua angustiante e viva agonia.

No entanto: não há dor igual à sua...

Se, um dia, os sofrimentos chegarem a certos ápices em que tudo em nós dá impressão de rebelar-se, porque o fruto da nossa “paixão” parece ter sido tirado das nossas mãos e, mais ainda, do nosso coração, lembremo-nos de Maria.

Será com esse gelo que ficaremos um pouco parecidos com ela; que se delineará melhor em nossas almas a figura de Maria, a toda bela, a Mãe de todos, porque de todos, mormente de seu divino Filho, desapegada por vontade divina.

A Desolada é a Santa por excelência.

Quisera revivê-la na sua mortificação.

Quisera saber ficar sozinha com Deus como Maria ficou, no sentido de que, mesmo entre irmãos, sintam-me impelida a fazer de toda a vida um diálogo íntimo entre a alma e Deus.

Devo mortificar palavras, pensamentos e atos que estejam fora do *momento* de Deus, para engastá-los no instante a eles reservado.

A Desolada é certeza de santidade, fonte perene de união com Deus, vaso transbordante de alegria.
A Desolada!

Este é o meu “heureka!” Sim, encontrei. Encontrei o caminho.

(Chiara Lubich - Livro Ideal e Luz)